

Um passeio pelo jardim popular paulistano

Solange de Aragão (1) Euler Sandeville Júnior (2)

(1) Pós-doutora pelo Departamento de História da FFLCH-USP, Brasil, e-mail:

solangedearagao@hotmail.com

(2) Professor do Departamento de Projeto da FAU-USP, Vice-coordenador da Área Paisagem e Ambiente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP, e Coordenador do Mestrado do Programa em Ciência Ambiental da USP, Brasil,

e-mail: esandeville@gmail.com, URL: <http://espiral.net.br>

Resumo: Este trabalho trata do jardim popular paulistano, comumente cultivado pelos próprios moradores e caracterizado por um sentido humano ou por um significado afetivo que predomina sobre o valor estético. O objetivo é discutir algumas questões relacionadas a esse jardim, como seu valor cultural, seu papel na paisagem, os diversos elementos que o compõem além da vegetação e o significado desses elementos. Para sua elaboração foram realizados levantamentos de campo, com registro fotográfico, e entrevistas com os responsáveis pelo seu cultivo, especialmente na região oeste da capital paulista. Observa-se nessas áreas ajardinadas a presença de plantas úteis ao lado das espécies ornamentais, revelando a permanência de um traço característico do jardim tradicional brasileiro; em alguns casos, constata-se o acúmulo de objetos com os mais diversos significados, e modificações sucessivas, resultantes muitas vezes do cuidado quase diário despendido por seus proprietários.

Palavras-chave: jardins populares; cultura; paisagem; São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

Caminhando pela cidade de São Paulo, e por várias outras cidades brasileiras, é possível encontrar praças e jardins que são cuidados ou cultivados pelos próprios moradores. O cuidado com o espaço livre público denota, por um lado, a ausência de manutenção por parte da municipalidade e, por outro lado, a preocupação de moradores do entorno ou mesmo dos usuários com esse espaço. Frequentemente corresponde a uma forma de apropriação que retira o espaço público da esfera de descaso a que usualmente está submetido, reinserindo-o na vida pública e como espaço aberto utilizado na escala da vizinhança. Essa operação, ao atribuir novos significados a essas áreas como parte do habitar a cidade, acaba por devolver-lhes a qualidade e a função de espaços públicos, seja para o lazer, para o estar, o descanso ou a contemplação. A linguagem de tais apropriações, por não seguir os padrões estéticos da academia e dos profissionais especializados, pode, para um olhar apressado, criar obstáculos à percepção e à compreensão do significado cultural desses espaços, limitando as discussões sobre a qualidade de vida que proporcionam e sobre a cidade em si.



Figura 1 – Praça mantida pelos usuários na zona oeste da capital paulista, que preserva seu uso.

Fonte: Arquivo Pessoal, ESJ (São Paulo, 2003).

O mesmo cuidado, tradicionalmente – e essa palavra é necessária aqui –, verifica-se nas áreas particulares, mesmo quando exíguas, especialmente nas áreas ajardinadas de uso residencial. A atenção deste artigo em particular recai sobre estas últimas, como parte de uma pesquisa que os autores vêm desenvolvendo, sobretudo em bairros paulistanos. Neste caso, esse cuidado indica um traço cultural marcante da sociedade brasileira tradicional, que se acentuou com as influências culturais advindas tanto do processo de re-europeização do século XIX, como do processo de imigração. Muitos desses jardins revelam uma relação afetiva no espaço da moradia, sendo realizados a partir de uma diversificada experiência cultural. Não raro indicam o processo de adaptação de imigrantes a uma nova paisagem e a novos costumes, inclusive na culinária – como acontece em locais de acentuada colonização japonesa.

Suas raízes, entretanto, encontram-se na tradição luso-brasileira que precedeu os ajardinamentos europeizados do oitocentos e as grandes correntes de imigração. Assim, o gosto pelo jardim (ou pela arte de cultivar as áreas ajardinadas) resulta, no Brasil, de sincretismos culturais – do ocidente e do oriente –, com as influências inglesas, francesas, italianas, japonesas e chinesas, entre tantas outras, misturando-se aos hábitos e costumes luso-brasileiros, aos saberes de uma mão-de-obra formada na prática, a padrões estéticos diversificados e por vezes antagônicos (com o erudito contrapondo-se ao gosto difundido comercialmente por meio de revistas de ampla circulação e da oferta de determinadas plantas comuns a cada época).

O jardim popular paulistano¹ é, neste artigo, aquele jardim sem projeto paisagístico, implantado na frente, nas laterais ou nos fundos do lote, e muitas vezes cultivado pelos próprios moradores. É um jardim que preserva ainda algumas características do jardim tradicional brasileiro – como a mistura de plantas ornamentais, ervas e árvores de fruto ou o arranjo aparentemente desordenado e sem simetria ou sem um traçado planejado. Preserva também características do jardim popular do ecletismo e dos manuais de revistas de jardinagem, como a presença de estátuas ou de anões de jardim, ao lado de figuras de porcelana, personagens de histórias infantis e diversos outros elementos popularizados pela indústria do consumo.



Figura 2 – Um jardim popular paulistano na Aclimação.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

Durante o período colonial e mesmo ao longo do século XIX, a necessidade de gêneros alimentícios foi responsável sob muitos aspectos pelo sentido útil do jardim – e também pela difusão das chácaras ajardinadas nas proximidades da cidade onde era comum o cultivo de legumes e de árvores de fruto. Desse modo, vários jardins urbanos foram caracterizados pela presença de bananeiras, coqueiros, dendezeiros e ervas empregadas não apenas no preparo de remédios caseiros, como também em determinados pratos (v. ARAGÃO, 2008). Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre salienta essa característica marcante do jardim tradicional brasileiro (FREYRE, 2006), assinalada por diversos viajantes do oitocentos, como John Mawe, que viu jardins em Vila Rica onde existiam alcachofras, batatas e pereiras em meio às flores (MAWE, 1978).

¹ Emprega-se aqui o termo “popular” no sentido de produzido pelo povo para si mesmo e não no sentido de obra “de qualidade inferior”, como ainda consideram algumas pessoas, entre leigos e estudiosos (v. WILLIAMS, 2007, p.318-9).

No século XIX, as mudanças que se processaram com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro em 1808, com a chegada da Missão Artística Francesa em 1816 e, posteriormente, já nas últimas décadas do oitocentos, com o grande influxo de imigrantes, tiveram repercussões no espaço urbano, na arquitetura e no jardim brasileiro. Este último saiu dos fundos do lote e passou para as laterais do terreno e em seguida para a frente das construções, separando-se das hortas e pomares, como observa Nestor Goulart Reis Filho em *Quadro da arquitetura no Brasil* (REIS FILHO, 1970). Tornou-se um jardim ornamental; em alguns casos, um jardim de flores. Mas as mudanças não se limitaram a essa nova localização das áreas ajardinadas ou a esse novo *status* adquirido, que levou inclusive à difusão entre a elite dos trabalhos de profissionais especializados em estilos europeus de paisagismo e jardinagem. Enquanto no jardim tradicional era notável a mistura de plantas, segundo as mais variadas funções, no jardim do século XIX as plantas compareceram segundo um vocabulário esteticamente planejado, constando-se ainda o emprego de outros elementos além da vegetação; elementos artificiais, de influência européia, que demonstram uma interferência do neoclássico ou do eclético nas áreas ajardinadas. Nesse emprego de elementos artificiais, característico do jardim do século XIX, está a origem dessa idéia de povoar esse espaço livre com vários objetos ou figuras de porcelana. Foi também Gilberto Freyre quem chamou atenção para essa alteração dos aspectos fundamentais do jardim tradicional brasileiro:

“Do século XIX restam-nos litogravuras de jardins de sobrado e de chácaras, não só animados pela água das fontes e pela frescura dos repuxos, como povoados de figuras de anõezinhos barbados, de meninozinhos nus, de escravos bronzeados, fortes, respeitosos como para servirem de exemplo aos de carne, de mulheres bonitas, representando as quatro estações e os doze meses do ano, umas sumidas entre folhagens, outras bem ao sol, ostentando brancuras greco-romanas; algumas em atitudes solenes, segurando fachos de luz que no fim do século XIX se tornariam bicos de gás.” (FREYRE, 2006).

O modernismo do século XX consolidou a idéia da valorização programática da vegetação tropical e da flora nativa (v. SANDEVILLE JR., 1997, 1999) e difundiu uma crítica acirrada a essas influências ecléticas. Antes do modernismo, e também durante suas fases iniciais, os defensores do neocolonial formularam uma das primeiras críticas à descaracterização do jardim brasileiro tradicional, que se deu com a importação de estilos franceses desde princípios do oitocentos. Mas esse jardim tradicional era sobretudo aquela idealização posta em curso pelo neocolonial, que olhava para os espaços da arte urbana e para as propriedades maiores como fontes de inspiração. Não faltaram polêmicas (MARIANNO FILHO, 1944) ou indagações propositivas de linguagens muito diversificadas (como podemos observar nos catálogos de jardins da firma Dieberger), não somente em relação à arquitetura, como também no que diz respeito ao desenho apropriado às áreas ajardinadas, que correspondiam a um ideário de uma vida urbana moderna, onde o próprio modernismo passava a ser visto como mais um estilo possível, ainda que com muita desconfiança ou restrição.

O movimento modernista europeu dedicou uma atenção especial aos jardins, ainda hoje esquecida (SANDEVILLE JR. e DERTNL, 2007), com interessantes experimentações na Europa nas décadas de 1920 e de 1930, e logo nas Américas, particularmente a partir dos anos 1930. No caso brasileiro (SANDEVILLE JR., 1997, 1993), toda a discussão do espaço moderno foi também uma discussão acerca de uma modernidade tropical, brasileira, que buscava um diálogo entre os espaços construídos e os espaços livres de edificação desde os manifestos iniciais de Gregori Warchavchik e Rino Levi, em meados da década de 1920. Na formação dessa linguagem modernista para o projeto dos espaços livres, a vegetação teve papel decisivo como elemento simbólico e estético, devendo ser trabalhada segundo suas formas, seus volumes, suas cores e texturas, sua plasticidade. A linguagem artística deveria ser altamente elaborada, valorizando as espécies nativas, dispostas em massas ou como elementos escultóricos, por meio de uma implantação cuidadosa e de um zoneamento minucioso dos espaços livres.

Mas o jardim provido dessas qualidades paisagísticas foi de certa forma raro, considerando-se todo o panorama das áreas ajardinadas residenciais do espaço urbano. Prevaleceram na

paisagem os jardins sem projeto e entre estes, os jardins cultivados por jardineiros de ofício (geralmente imigrantes) ou pelos próprios moradores, que preservaram tanto algumas das características do jardim tradicional brasileiro, como algumas características do jardim popular do ecletismo, absorvendo, no decorrer do século XX, com persistências nos primeiros anos do século XXI, elementos, usos e idéias da sociedade de consumo. As características dessa jardinagem (SANDEVILLE JR., 2004), desprezada pela academia e pelos círculos profissionais mais engajados, possuidores de uma formação técnico-artística, passaram então a conformar-se a uma cultura urbana de consumo de imagens e de gostos, preservando todavia o sentido simbólico e afetivo que assumem para seus criadores – que são também seus usuários.

2. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é colocar em pauta certas questões referentes aos jardins sem projeto paisagístico, particularmente aqueles cultivados pelos próprios moradores, que apresentam um elevado valor cultural e um significado afetivo para os seus proprietários. O termo “cultura” abriga uma série de contrariedades na produção científica, sendo difícil alcançar um consenso que permita a sua conceituação. Embora o enfoque dado no ambiente profissional e acadêmico ainda priorize a erudição como diferencial valorativo do patrimônio cultural, hoje é quase inconcebível uma acepção de cultura restrita à produção artística e acadêmica, consagrada pelas diversas instituições destinadas a promovê-la, defini-la, divulgá-la, preservá-la e, por fim, comercializá-la. Aliás, pode-se dizer que uma acepção antropológica de cultura recusa exatamente as convenções e os valores eruditos como depositários únicos da cultura de uma determinada sociedade, reconhecendo-a no conjunto das práticas sociais, de seus produtos materiais e em seu campo simbólico e intersubjetivo, não isento de contradições.

O próprio modo de vida de uma comunidade é revelador de sua cultura. No caso específico de uma grande cidade como São Paulo é instigante a maneira como o hábito de cuidar de um jardim, de plantar, de colher, de regar as plantas todos os dias, permanece enraizado em alguns de seus moradores. Um costume que às vezes passa de geração a geração, com reflexos na paisagem urbana. Nesse sentido, esses jardins cultivados apresentam de fato um valor cultural considerável, pois resultam desse modo de vida que inclui o plantio de espécies ornamentais e de espécies úteis, a rega de flores, a observação diária, a criação de arranjos florais de acordo com o gosto de seu proprietário, o acréscimo de vários elementos com os significados mais diversos.



Figura 3 – Aposentado cuidando do seu jardim na região oeste de São Paulo.

Fonte: Arquivo Pessoal, ESJ (São Paulo, 2003).

No cuidado diário, no carinho pelas plantas, pelas flores, revela-se também o significado afetivo dessas áreas ajardinadas. O jardim torna-se parte do cotidiano de seus proprietários e, de um modo mais amplo, de suas vidas, de suas lembranças. Adquire valor de memória.

Nesses espaços, que não são concebidos por arquitetos paisagistas, quem seleciona as espécies é o dono do jardim; quem define o arranjo da vegetação e dispõe os objetos mais

inusitados entre as plantas, criando cenários incomuns, quem zela por esse espaço, é o dono do jardim. Isso confere a essas áreas um significado totalmente diverso do significado dos jardins projetados. Sua análise não pode ser feita segundo os mesmos critérios. São em ambos os casos jardins, mas enquanto o primeiro corresponde a um espaço construído e modificado dia após dia, o segundo possui um projeto e recebe cuidados no sentido de permanecer fiel a esse projeto; enquanto o primeiro é produzido antes com afeto do que com arte – embora não seja destituído de intenção artística em muitos casos, o segundo é produzido segundo os preceitos da arte, podendo ou não adquirir eventualmente um significado afetivo; enquanto o primeiro resgata acima de tudo o sentido humano, tão bem enfatizado por Gilberto Freyre, o segundo tem como objetivo primordial o valor estético, o valor de troca ou mesmo a identidade corporativa, de acordo com os padrões da academia ou do mercado.

Do ponto de vista da paisagem, fica evidente que esses jardins que estudamos neste trabalho desempenham um papel importante na composição de determinados espaços urbanos, reunindo em pequenas áreas uma expressiva diversidade de flora, que por sua vez contribui para a manutenção de certas espécies da fauna urbana. A análise de jardins populares e de jardins paisagísticos contemplativos indica uma diferença significativa na diversidade de espécies e na fisionomia dos arranjos, sendo mais diversificados os primeiros. Considerando-se ainda o emprego de espécies úteis, ligadas algumas à medicina popular, outras à alimentação, e outras às mais diversas crenças, constata-se do mesmo modo uma distinção expressiva entre a significação e o simbolismo desses jardins. E do ponto de vista do paisagismo? Pode-se destacar as qualidades definidas acima e isolar o arranjo formal? Como atribuir valor aos aspectos formais dessa estética independente do repertório profissional? Enfim, como avaliar esses jardins?

Uma discussão sobre o jardim popular paulistano abrange, dessa forma, questões referentes à cultura, à paisagem, à denominada sociedade de massas, à criação de cenários lúdicos, que podem rememorar a infância na composição de espaços ajardinados com figuras de porcelana e personagens de histórias infantis, com conotações psicológicas. Acima de tudo, exige um olhar sempre atento a novos arranjos e significados, que permita uma aproximação desse campo de experimentações nas áreas ajardinadas.



Figura 4 – Detalhes de elementos acrescentados ao jardim pela proprietária.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

3. JUSTIFICATIVA

Embora venha se tornando cada vez mais raro no espaço urbano, seja pela difusão do jardim do condomínio, seja pela cessão das áreas ajardinadas para o cimentado reservado aos automóveis nas garagens junto às construções, como enfatiza Murillo Marx em seu texto *Cidade brasileira* (1980), seja pela preferência das camadas mais ricas da sociedade por jardins com tratamento paisagístico, o jardim popular, particularmente aquele cultivado pelos próprios moradores, continua integrando a paisagem da cidade de São Paulo – atrás dos muros baixos, atrás das grades igualmente baixas das casas, em frente aos sobrados geminados ou isolados, em frente às casas térreas, no recuo lateral de um lote. E apresenta novos significados e novos elementos –, ao lado de elementos e de significados tradicionais – acompanhando as modas e

inovações. Corresponde, sobretudo, a um espaço de afetividade, marcado ainda por uma certa hospitalidade na relação do espaço privado da habitação com o espaço público da rua – é um jardim convidativo, pensado e criado com a intenção também de agradar os transeuntes, de compor a paisagem de uma forma única, de um modo muito peculiar.

Sabe-se da importância de se estudar e analisar os projetos paisagísticos produzidos no meio técnico-artístico e da necessidade de se deixar lições de projeto para as novas gerações de arquitetos-paisagistas. Por outro lado, é preciso reconhecer o papel que outras áreas ajardinadas desempenham na cidade e no desenho da paisagem e perceber o seu valor cultural – o que depende das análises e estudos desse outro jardim. Mas acima do olhar crítico e seletivo da academia, deve estar a capacidade de entendimento de como se forma, de como se estrutura esse jardim (por vezes inspirado em toda uma sistematização encontrada em tratados e manuais hortícolas) e de como se estabelece a relação afetiva no cotidiano. Esse jardim, destituído de valor estético, segundo os padrões estabelecidos pela academia, é pleno de significados e de significações, e tem sua beleza e sua estética própria.

4. MÉTODO EMPREGADO

Para estudar jardins é necessário percorrê-los, visitá-los, conhecê-los, descobrindo os elementos que compõem as áreas ajardinadas e toda a sua simbologia. Este foi o método adotado: um percurso pelos jardins paulistanos que revelam na paisagem seu caráter popular.

Entre os jardins que percorremos, encontramos alguns extremamente simples, com um número reduzido de espécies cultivadas pelos próprios moradores; outros igualmente simples, mas que recebem os cuidados de um jardineiro; jardins com uma diversidade razoável de espécies cultivadas por seus donos, marcados pela presença de elementos como fontes ou bichos de porcelana; jardins com essas características, mas tratados por jardineiros; e jardins que apresentam uma diversidade significativa de espécies e um número muito expressivo de elementos artificiais adicionados com a intenção de se criar um cenário. Os jardins selecionados para esta análise pertencem a esta última categoria. São mais raros na cidade, mas possuem uma simbologia que requer uma análise mais detalhada e aprofundada, e colocam de imediato o desafio indicado neste artigo, possibilitando a introdução de um tema ainda pouco explorado.

A partir da escolha de cinco áreas ajardinadas de uso particular caracterizadas pela criação de um cenário (todas situadas na zona oeste da cidade de São Paulo, em região de classe média inicialmente habitada por imigrantes e atualmente sujeita a um intenso processo de valorização imobiliária), foi iniciado o percurso pelo jardim popular paulistano, considerando-se o modo como aparecem na paisagem e como se destacam na rua, entre as construções.



Figura 5 – Os sinos do vento no jardim, ampliando a mistura de sons.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

Esse percurso foi rico e cheio de descobertas, uma vez que a visão que se tem de dentro do jardim é bem diferente da visão do jardim a partir da rua – isto para não falar nos outros sentidos: nesses jardins são comuns os cantos dos pássaros, o som das águas na fonte, dos sinos do vento, o ruído das folhas das árvores, o perfume de flores e plantas ornamentais, as texturas variadas. Descobertas que não se encerram com o usufruto do jardim, mas se

expandem pelas relações humanas abertas pelo contato com seus criadores e pela afetividade e simbolismo que para eles abrigam esses pequenos recintos.

Esses jardins que apresentam uma verdadeira coleção de objetos são extremamente curiosos – há figuras de porcelana e personagens de histórias infantis nos lugares mais inusitados, dispostos como se a intenção fosse criar um cenário de floresta em miniatura. Tudo foi registrado por meio de fotografias e de anotações e cada jardim visitado se tornou para nós um lugar de memória.



Figura 6 – A criação do cenário em um canto pitoresco do jardim.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

O significado afetivo do jardim foi evidenciado a partir das respostas dadas a um questionário elaborado para esta pesquisa, como a de Dona Ivone, que chegou a afirmar: “Tudo. O meu jardim é tudo pra mim”. O diálogo estabelecido com os proprietários dessas áreas evidenciou o cuidado diário e o vínculo afetivo que se fortalece com esse cuidado.

Desse modo, fez-se a análise a partir dos levantamentos de campo (e das percepções do espaço que resultaram dessas visitas), do registro de imagens consideradas expressivas e reveladoras dessas áreas ajardinadas e das respostas dadas ao questionário pelos donos desses jardins. Esses questionários eram compostos basicamente por dez perguntas:

1. Onde está situado o jardim de sua residência?
2. Quem cuida do jardim?
3. Quantas vezes por semana?
4. Que plantas são cultivadas?
5. Por que você cultiva essas plantas?
6. Que outros elementos fazem parte do jardim?
7. Por que você acrescentou esses elementos ao jardim?
8. O que existe de brasileiro em seu jardim?
9. O que é mais importante em seu jardim: o sentido humano, o sentido útil ou o valor estético?
10. O que significa o seu jardim para você?

As questões decorreram de levantamentos prévios e foram propostas aos proprietários do conjunto de cinco jardins selecionados com base nos critérios e intenções indicados. A primeira questão tinha por objetivo investigar se o jardim frontal ou lateral apresentava alguma continuidade nos fundos do lote; a segunda, procurava constatar se de fato se tratava de um jardim cultivado pelo próprio dono; a terceira questão servia para medir o grau de aproximação entre o proprietário e as áreas ajardinadas; a quarta questão foi elaborada no sentido de se comprovar a permanência da mistura de flores, frutas e ervas, tão característica no jardim tradicional brasileiro; a quinta questão pretendia a obtenção de respostas que justificassem o porquê de se plantar determinadas espécies e não outras, mas as respostas surgiram muito mais no sentido da afetividade; a sexta questão foi colocada para averiguar e registrar a

presença de outros elementos no jardim popular além da vegetação e a sétima, para detectar a intenção dos proprietários ao acrescentar esses elementos; a oitava questão visava evidenciar um reconhecimento ou desconhecimento do que havia de nacional (ou nativo) e do que havia de estrangeiro (ou exótico) nesses jardins; a nona questão era para investigar o sentido desses jardins do ponto de vista de seus proprietários; e, finalmente, a décima questão dava oportunidade para esses proprietários expressarem o significado dessas áreas ajardinadas em sua vida, em seu cotidiano.

Em seguida, apresentam-se alguns dos resultados obtidos a partir dessa análise.

5. RESULTADOS OBTIDOS

Embora ainda parciais, uma vez que se pretende estender essa análise às outras categorias de jardins que se enquadram no conceito do jardim popular, os resultados obtidos evidenciam por um lado permanências em relação ao jardim tradicional brasileiro e, por outro lado, alterações condizentes com as mudanças na forma de ocupação do espaço urbano e com as mudanças sociais.

De um modo geral, constata-se que poucas vezes o jardim situado em frente à residência possui continuidade nos fundos do lote – local original dos jardins coloniais ligados às moradias urbanas. O jardim popular paulistano fica na frente do lote ou nas laterais do terreno para ser visto e contemplado pelos transeuntes. Este fato é importante porque de certa forma tem uma interferência no acréscimo de enfeites nas áreas ajardinadas com a intenção de atrair o olhar de quem passa pela rua.

Todos os jardins considerados na análise eram cultivados pelos próprios moradores, o que indica um fato cultural: o cultivo de áreas ajardinadas por seus donos na grande cidade. Evidentemente foram visitados jardins que estão sob a responsabilidade de um jardineiro, mas estes não foram considerados nesta análise especificamente, uma vez que neste caso não se estabelece um vínculo afetivo direto na produção e manutenção do jardim – importante quando se considera a questão cultural aqui proposta. Podemos considerar que muitos jardineiros, formados no ofício, são criadores de arranjos que de certo modo se aproximam destes, embora freqüentemente associados à comercialização de plantas e a alguns estereótipos decorrentes do mercado. Existe também uma diferença na freqüência do cuidado ou da manutenção desses espaços livres. Um jardim que fica sob a responsabilidade de um jardineiro recebe cuidados uma vez por semana ou uma vez por mês; no caso dos jardins cultivados pelos próprios moradores esse cuidado é quase diário – no mínimo de duas a três vezes por semana, com alguns proprietários trabalhando no jardim ou fazendo pequenas modificações várias vezes ao dia. O contato entre a pessoa que cuida desses jardins e a vegetação ou os elementos que compõem essas áreas é consideravelmente mais acentuado nos jardins cultivados pelos próprios moradores.



Figura 7 – Exemplo de jardim cultivado por jardineiro na zona oeste da capital paulista.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

Em relação à mistura de plantas ornamentais e plantas úteis, ficou evidente a herança do jardim tradicional brasileiro. Foram encontrados nesses espaços livres: cactos, bromélias, orquídeas, amoreiras, pitangueiras, pessegueiros, pés de café, coquinho, rabo-de-gato, rosas, samambaias, azaléias, antúrios, hera holandesa, coqueiros, margaridas, bico-de-papagaio, romãzeiras, laranjeiras, hortelã, capim-santo (erva cidreira), arruda, limoeiros, mamoeiros, boldo, espada de São Jorge, begônias, jasmims, gerânios, comigo-ninguém-pode, camarão amarelo, pés de pimenta, sapatinho, lírios da paz, renda portuguesa, manjerição e primavera. Flores, ervas, árvores de fruto; tudo misturado, sem distinção. Plantas estas cultivadas por gosto, por distração, por herança materna, para preservar um jardim existente, pelo amor à natureza no sentido mais amplo.

Além da vegetação, foram encontrados nessas áreas ajardinadas enfeites produzidos pelos próprios donos, anões de jardim, figuras de porcelana, objetos, personagens de histórias infantis, fontes, esculturas, pedras, bancos e luminárias. Observa-se assim uma nítida influência da sociedade de consumo na produção dessas áreas, mesclada às heranças do jardim eclético popular que se difundiu a partir da segunda metade do século XIX. Por outro lado, constata-se a intenção de se criar cenários de forma lúdica, às vezes com esses elementos compondo, junto à vegetação, florestas em miniatura – ou simulacros de florestas, uma vez que esses elementos adicionados são artificiais.

Entendemos que essa característica, associada ao cuidado direto do jardim, confere a esses espaços uma dimensão estética tátil, além da ordem da visualidade contemplativa, relacionada ao posicionamento e contato do corpo com uma série de possibilidades de fruição, que ultrapassam em alto grau as possibilidades visuais que definem e estruturam parte considerável dos arranjos paisagísticos eruditos. Observe-se que por tátil indica-se uma condição que inclui, embora também ultrapasse, o estímulo olfativo – do mesmo modo pouco ou menos explorado em jardins de inspiração mais erudita. De certa forma, essa condição sensória amplificada muitas vezes conduz a um exagero do campo sensível e simbólico na fruição desses espaços. O que se revela também em seu arranjo plástico, que propõe ao visitante um conjunto muito diversificado de texturas, cores e formas sobrepostas em vários planos, inclusive pendentes. Essa expressão plástica atenta ao interesse dos detalhes no conjunto difere da linguagem profissional que privilegia o sentido de ordem pela organização das massas e dos elementos escultóricos. Nesses jardins analisados, constrói-se uma ordem subjetiva, governada por uma sensibilidade em reconstrução no próprio local, que garante um conjunto extremamente diversificado de pontos de interesse e de atenção, por meio da criação de pequenos lugares e da individuação da maior parte das espécies vegetais e dos objetos presentes. O todo resulta dinâmico e em contínua fatura. É preciso reconhecer, entretanto, que cada uma das plantas ou objetos adicionados ao jardim é foco de atenção particularizada e bem conhecida por seu criador, demonstrando que existe sim uma ordem subjetiva nesse arranjo. Nota-se portanto uma enorme atenção e carga estética nesses espaços. O arranjo é resultado sempre transitório de um indagar contínuo, de uma concepção que se dá no próprio ato de fruição dessas áreas ajardinadas. Desse modo, pode-se dizer que vários desses jardins são realizados com arte, com um sentimento artístico e com uma pesquisa estética, ainda que muitas vezes individual e isolada da academia.

Existe ainda a questão de se colecionar objetos nas áreas ajardinadas – alguns com significado afetivo, outros com valor de memória para os proprietários. No que diz respeito à introdução de personagens infantis, nota-se que raramente são de origem cultural brasileira ou do folclore nacional. Em sua maior parte trata-se de personagens de desenhos norte-americanos – muitos deles produzidos por Walt Disney.



Figura 8 – Pinóquio encontrado em meio à vegetação de um jardim paulistano.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

Falta, portanto, uma valorização da cultura brasileira nesses jardins populares – não obstante seu valor cultural. Talvez o universo de sacis e de outros entes do folclore nacional esteja envolto em preconceitos e preocupações, que são inclusive de identificação de classe social e de um passado rural e de hibridização há tempos negado pelas elites e classes dominantes (ou aceito meramente como folclore, não raro anedótico, em que pese a contribuição de intelectuais e literatos em outra direção). Por outro lado, esses seres importados dos contos de fada, do cinema e dos quadrinhos, além de integrarem toda a fantasia e educação infanto-juvenil, não se prendem a esses mesmos preconceitos e possibilitam uma relação distraída e despreocupada, correspondendo a um anseio de incorporação.

Assim, quando se pergunta “o que existe de brasileiro em seu jardim?”, são mencionadas apenas algumas plantas. Todavia, a intenção desses proprietários ao acrescentar tais elementos desvinculados da cultura brasileira não é mais do que enfeitar ou alegrar essas áreas e atrair o olhar das crianças que passam pela rua. Nesse sentido, quanto maior o número de elementos adicionados, melhor – especialmente aqueles relacionados ao universo infantil. É muito comum ouvir os proprietários afirmarem que as crianças costumam parar em frente a esses jardins e ficar contemplando por alguns momentos. São lugares de sonho, que encantam os pequenos transeuntes pela composição do cenário. Considerando-se que este seja talvez um dos aspectos mais polêmicos e problemáticos para a academia (mormente a incorporação desse universo lúdico e infantil, que trabalha com a memória e a fantasia dos adultos), necessita-se de um aprofundamento, para o qual se indicam alguns caminhos decorrentes dessas primeiras investigações.



Figura 9 – O cenário infantil que atrai o olhar das crianças.

Fonte: Arquivo Pessoal, SA (São Paulo, 2007).

Para os proprietários dessas áreas, mais importante do que o valor estético é o sentido humano, o valor afetivo, as lembranças que guardam. Curiosamente, em relação a um dos jardins mais simples, a moradora afirmou que importava mais o valor estético – muito provavelmente pelo *status* que isso representaria na análise desses questionários. Mas é preciso circunstanciar a concepção desses espaços pelo predomínio do sentido humano sobre o valor estético, para não idealizar essa possibilidade que se faz presente também nesses jardins, com outra linguagem. Uma aproximação mais válida seria talvez a do reconhecimento de que a estética está no sentido humano que a constrói, plena de afetividade e de lembranças; de que a arte é um processo comum na vida e que são as instituições que a isolam, estabelecendo o problema de se relacionar vida e arte.

Não se trata de propor uma visão acrítica ou enaltecadora de tais arranjos, mas de reconhecer uma distinção entre o processo crítico e o simples juízo de valor, suspendendo-o para possibilitar uma reflexão aprofundada. O que se propõe é uma ampliação da sensibilidade em relação a outras formas de concepção do espaço, para que se possa reconhecer o que lhes é próprio. Não se pretende estabelecer uma hierarquia entre uma forma e outra, ou contrapor modelos, ou excluir possibilidades de escolha e de avaliação, e sim ampliar o campo de estudo. O cultivo das áreas ajardinadas tem um significado muito especial para os seus proprietários. Pode representar uma forma de dar continuidade a um jardim existente, relacionada à herança cultural – havendo um parente muito próximo que anteriormente era responsável pelo cultivo; ou uma forma de expressar um cuidado com as plantas, um respeito pela natureza, uma expressão de afetividade, entre tantas outras possibilidades. Sobre o significado desses espaços livres, alguns deles chegaram a afirmar: “Eu tenho um cuidado todo especial com meu jardim, com as minhas plantas”, ou ainda, “Ah! Eu amo ele [o meu jardim]. Eu gosto demais de plantas”. É de certa forma o sentido humano prevalecendo sobre o valor estético no jardim popular paulistano cultivado pelos próprios moradores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“(...) o meu jardim... adornado de pássaros, (...) da rosa vestida de lindas pétalas a exalar despreocupadamente o seu perfume.” Dalva Bueno Junqueira Paschoal – responsável pelo cultivo de seu jardim.

O jardim popular paulistano não é projetado por um paisagista, nem concebido segundo os preceitos da Arte, mas apesar de ser muitas vezes desprovido de valor estético, segundo os padrões acadêmicos, apresenta uma riqueza cultural. Apresenta ainda um valor ambiental na preservação de áreas permeáveis e, em alguns casos, de árvores de grande porte, que por sua vez contribuem para a preservação da fauna local – a diversidade de espécies da flora é considerável em algumas dessas áreas.

Trata-se de um jardim muito simples do ponto de vista de seu traçado e de sua organização, mas que contribui para qualificar a paisagem, como todas as áreas ajardinadas e arborizadas do espaço urbano. No caso mais específico do jardim em que se percebe a intenção de se criar um cenário, constata-se uma complexidade maior em seu arranjo – embora aparentemente aleatório – e uma simbologia ainda mais expressiva na adição e disposição de cada elemento. Constata-se também uma intenção de se trabalhar com a percepção sensorial de seus usuários, de seus visitantes e mesmo dos transeuntes. Assim, o ruído da água na fonte, o som dos sinos do vento, a variedade de texturas e de cores integram o jardim e provocam uma reflexão sobre o espaço ajardinado (especialmente no que difere das características do entorno). Esse jardim relaciona-se à dimensão humana da cultura e à arte em sua acepção de habilidade e de propósitos imaginativos e criativos (v. WILLIAMS, 2007).

Mais uma vez, não se pretende aqui fazer a apologia do jardim popular, apenas reconhecer o seu papel e importância na paisagem e na cultura brasileira, uma vez que está muito relacionado ao cotidiano de várias pessoas. É em alguns casos um jardim modificado e

construído dia após dia; um jardim que possui um significado muito diverso do jardim com projeto paisagístico – elaborado para permanecer na paisagem fiel ao projeto original.

Considerando as diversas acepções do termo “cultura”, enquanto o jardim projetado por um paisagista está relacionado principalmente à produção artística (quando apresenta valor estético), o jardim popular, particularmente aquele cultivado pelos próprios moradores, corresponde mais à cultura no sentido de modo de vida. Em ambos os casos constata-se um valor cultural (v. ARAGÃO, 2009).

O jardim popular, da mesma forma que o jardim do condomínio e outros jardins com projeto paisagístico, integra a paisagem urbana composta em sua maior parte por construções de uso residencial. Integra a paisagem e atrai o olhar de quem passa pela rua, seja por sua beleza mais simples, seja pelo arranjo diferenciado, criativo ou inusitado, seja pela grande variedade de elementos e de objetos dispostos em meio à vegetação, seja pela maior diversidade da fauna que agrega.

A análise desse jardim revela sobretudo a importância do sentido humano, do sentido útil e do significado afetivo dessas áreas ajardinadas. São esses fatores culturais que garantem a preservação desses espaços livres na paisagem. Desses espaços e de alguns espaços livres públicos – como as praças relegadas a segundo plano pela municipalidade e mantidas ou preservadas pelo significado afetivo que lhes atribuem alguns usuários e moradores do entorno. Certas questões relacionadas ao jardim extrapolam o âmbito privado e repercutem no espaço público. E assim transformam-se o jardim e a praça segundo o gosto de quem se dispõe a cuidar desses espaços livres, modificando a paisagem e impondo a sua marca pessoal no desenho da cidade. Nessa transformação e nesse cuidado, deixam entrever características da cultura brasileira (com toda a sua diversidade) e do modo de vida urbano.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Solange de. *Ensaio sobre o jardim*. São Paulo: Global, 2008.
- _____. “Jardim e cultura”. *História e Perspectiva*, n.41, 2009, p.187-207.
- DOURADO, Guilherme Mazza (org). *Visões da paisagem. Um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil*. São Paulo, ABAP, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 16.ed. São Paulo: Global, 2006. [1936]
- MARIANNO Fo., José. “A desnacionalização da Escola de Belas Artes”. In: *Debates sobre Estética e Urbanismo*, Rio de Janeiro, 1944.
- MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Edusp, 1980.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil, 1812*. Trad. Selena Benevides Viana. São Paulo: Edusp, 1978. [1822]
- SANDEVILLE JR., Euler. *A herança da paisagem*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1993.
- _____. “Anotações para uma história do paisagismo moderno em São Paulo: elaboração da linguagem e conceituação de um campo entre arquitetos”. *Paisagem e Ambiente*, n.10, 1997, p 97-166.
- SANDEVILLE JR, Euler. *As sombras da floresta*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1999.
- _____. “Por uma história, e por um projeto de diálogo sobre as histórias”. Belo Horizonte, MG, *Anais do VII ENEPEA – Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*, 2004.
- SANDEVILLE JUNIOR, Euler; DERNTL, Maria Fernanda . “Paisagismo e modernidade na Europa da década de 1920”. *Paisagem e Ambiente*, v. 24, 2007, p. 191-200.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. “Culture is ordinary”. s.n.t. 1958.